

UM GAUCHO

JOSÉ GUETHES AGUIAR TEM, EM CASA, A PRÓPRIA SÍNTESE DA MISTURA: A MULHER E UM DOS FILHOS SÃO PARAENSES

19 MIL
GAÚCHOS
MORAM
NO DF

MARIANA MAINENTI
DA EQUIPE DO CORREIO

Quem ouve José Guethes Aguiar, de 61 anos, não tem dúvidas de que se trata de um daqueles gaúchos que, onde estiver, não abre mão do chimarrão e da bombacha. Orgulha-se de dizer que é de Santo Ângelo. “A cidade foi fundada pelos jesuítas. Somos um dos sete povos das missões”, conta. O que o sotaque dele não revela é que esse militar da reserva, que rodou o país em função de sua carreira, tem outra paixão além do Rio Grande do Sul: Brasília.

Aguiar chegou à cidade em 1977 para integrar os Dragões da Independência. Formado em educação

física, três anos depois foi chamado a trabalhar na fundação do colégio militar da capital federal. De lá, foi para o Estado Maior das Forças Armadas, onde participou da Comissão Desportiva Militar do Brasil.

A trajetória dele até a capital federal, no entanto, não foi curta. De Santo Ângelo, foi para outra cidade gaúcha, Santa Rosa. De lá, seguiu para o Rio de Janeiro, de onde partiu para Fortaleza. Antes de morar aqui, ainda passou por Manaus e Minas Gerais. Ele conta que quando chegou ao Distrito Federal sentiu que havia encontrado a melhor síntese do país: “Adotei essa cidade porque Brasília tem tudo, o Brasil está todo aqui dentro”.

Ele acredita que a sua própria família é também uma síntese dessa mistura brasiliense. Casado com uma paraense, Maria de Jesus Aguiar, ele não abre mão de levá-la sempre que pode para comer pratos típicos na barraca Recanto do Pará, na Feira da Torre. Com ela, tem três filhos, sendo um paraense e os outros dois brasilienses. Todos moram em Brasília, onde Aguiar já tem até um neto. São as novas influências que a vida reservou para esse gaúcho que, descendente de alemães, nem falava o português em casa até os 9 anos de idade.

Mas, para Aguiar, a cultura de origem também é importante. “A tradição gaúcha para mim é tudo. Um povo sem tradição é um povo falido. O sulista tem a grande virtude de preservar a sua tradição, a mais forte do mundo”, afirma. Por isso, fundou em 1987 o Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Jayme Caetano Braun, nome dado em homenagem a um poeta do Rio Grande do Sul.

Minervino Júnior/Especial para o CB



“ADOTEI ESSA CIDADE
PORQUE BRASÍLIA TEM
TUDO, O BRASIL ESTÁ
TODO AQUI DENTRO”

Aos domingos, o CTG faz o Costelão. Quase mil pessoas comparecem ao evento que ganhou esse nome porque cada mesa de 20 pessoas recebe uma costela inteira. Às sextas-feiras, são promovidos jantares em que crianças, jovens e adultos dançam

xote, vaneira e rancheira. “As nossas tradições são preservadas desde a infância. Começa pelo chimarrão, o churrasco, a bombacha. Aí os piás (meninos) e as prendinhas (meninas) logo aprendem a dançar”, diz Aguiar.

Com a ajuda do amigo Mário Luiz Pegoraro, gaúcho de Pelotas que vive desde 1981 na cidade, ele logo explica que o público costuma ir “pilchado” nas festas. Pilcha é como se chama a indumentária típica do Rio Grande do Sul. Segundo eles, os piás têm de estar com bota, bombacha (calça típica), guaiaca (cinto), camisa de manga comprida, lenço no pescoço e chapéu ou boina. Já as prendas (as mulheres) têm de estar de blusa sem decote e discreta, saia longa com duas ou três anáguas e ainda a bombachinha (calça íntima) por baixo, com os cabelos presos e enfeitados com uma flor.